



IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

Portugal, território de territórios

ÁREA TEMÁTICA: Sociologia do Desporto [ST]

O ESTATUTO DAS EMOÇÕES NAS PRÁTICAS ESPORTIVAS

ROJO, Luiz Fernando

Doutor em Ciências Sociais, Universidade Federal Fluminense, luizrojo@predialnet.com.br

Resumo

Desde a publicação de “A Busca da Excitação” (1992), esta obra de Norbert Elias é não apenas uma das mais importantes referências no estudo das emoções nos esportes, mas muitas vezes a única perspectiva teórica utilizada para analisar este tema no campo das práticas esportivas. Neste trabalho, eu irei inicialmente discutir alguns aspectos deste livro, enfatizando sua capacidade de propor uma “configuração sociológica” das emoções no processo civilizatório ocorrido na Inglaterra do século XIX. Em seguida, irei apresentar outra referência teórica, denominada de perspectiva contextualista por Lila Abu-Lughod e Catherine Lutz (1990). Minha intenção aqui não é realizar uma simples substituição de referencial teórico, mas deslocar uma análise que busca explicar a função das emoções no fenômeno esportivo, em uma chave universalista, por outra que busque interpretar os diferentes papéis jogados pelos discursos emotivos e/ou sobre as emoções nos processos sociais. Para finalizar este trabalho, irei apresentar brevemente três de minhas próprias pesquisas recentes, nas quais desenvolvi este aspecto das relações entre emoções e esporte a partir deste novo referencial proposto.

Abstract

Since the publication of “The Quest for Excitement” (1992), this Norbert Elias’ work is not only one of the most important references in the study of emotion in sports, but many times the single theoretical reference used to analyze this theme in the field of sportive practices. In this paper, I will discuss some aspects of this book, emphasizing its capacity to propose a “sociological configuration” of emotions in the civilization process of the XIX century in England. After it, I will to present another theoretical reference, called of contextual perspective by Lila Abu-Lughod and Catherine Lutz (1990). My intention here isn’t to do a simple change of theoretical reference, but to displace one analysis which try to explain the function of emotions in the sportive phenomena, in a universalistic view, for another which propose an interpretation of the multiple roles played by emotive discourses and/or emotions in social process. Finally, I will to do a short presentation of three of my own recent investigations, where I developed this aspect of the relationship between emotion and sport from this new referential proposed.

Palavras-chave: emoção; discurso; esporte

Keywords: emotion; discourse; sport

[COM0018]

1. O estatuto das emoções nas práticas esportivas¹

Desde a publicação de “A Busca da Excitação” (1992), esta obra de Norbert Elias é não apenas uma das mais importantes referências no estudo das emoções nos esportes, mas muitas vezes a única perspectiva teórica utilizada para analisar este tema no campo das práticas esportivas. Neste trabalho, eu irei inicialmente discutir alguns aspectos deste livro, enfatizando sua capacidade de propor uma “configuração sociológica” das emoções no processo civilizatório ocorrido na Inglaterra do século XIX, a qual pode ser estendida para compreender algumas dimensões do estabelecimento do esporte moderno em grande parte da Europa Ocidental, mas que não pode ser pensada como uma chave universal, capaz de resolver todos os problemas relativos às interseções entre esporte e emoções.

Em seguida, irei apresentar outra referência teórica, denominada de perspectiva contextualista por Lila Abu-Lughod e Catherine Lutz (1990). Minha intenção aqui não é realizar uma simples substituição de referencial teórico, mas deslocar uma análise que busque explicar a função das emoções no fenômeno esportivo, em uma chave universalista, por outra que busque interpretar os diferentes papéis jogados pelos discursos emotivos e/ou sobre as emoções nos processos sociais. Partindo da noção de discurso, tal como utilizado por Foucault, estas autoras focam na investigação do que é construído por e através das emoções em diferentes contextos culturais. Com isto, escapam não apenas da limitação que poderia advir de uma mera coleção ou tradução de termos associados com a emoções em distintas sociedades, como também de uma compreensão da emoção como uma válvula de escape para as tensões contidas em um self interior, universalizado a partir de um padrão individualista próprio das sociedades ditas “ocidentais”.

Para finalizar este trabalho, irei apresentar brevemente três de minhas próprias pesquisas recentes, nas quais desenvolvi este aspecto das relações entre emoções e esporte a partir deste referencial proposto. Na primeira delas, realizada entre 2004 e 2006, me debrucei sobre a mídia televisiva esportiva brasileira na cobertura dos Jogos Olímpicos, para interpretar como os discursos sobre as emoções ali transmitidos contribuíam na construção e no reforço dos estereótipos associados às diferenças étnicas e de gênero. Na segunda, desenvolvida entre 2007 e 2008, com atletas de esportes equestres no Rio de Janeiro (Brasil) e Montevidéu (Uruguai), analisei como estes discursos sobre as emoções reintroduziam as diferenças de gênero em um esporte no qual não existe separação por sexos nas suas diferentes modalidades de competição. Por fim, no trabalho que atualmente realizo, desde 2013, com atletas de esportes adaptados em uma associação de deficientes físicos, tenho procurado estudar como os discursos sobre a paixão e a superação estabelecem distinções entre diferentes percepções sobre a prática esportiva de atletas com deficiência.

2. A prática esportiva como uma dimensão emotiva nas sociedades civilizadas

Embora diversos autores (Veblen, 1965; Adorno & Horkheimer, 1985) tenham feito referências às práticas esportivas no conjunto de suas análises sociais, foi a obra de Elias e Dunning (1992) que se constituiu em uma das primeiras formulações que procurava refletir sobre a dimensão do esporte como um fato específico. Neste trabalho, seguindo as formulações de Norbert Elias, o esporte é pensado a partir de sua situação dentro das “configurações sociais” em que se situava e a passagem, descrita pelos autores como um processo de “esportivização”, dos passatempos para o esporte é pensada como articulada com o “avanço da civilização” que estaria em curso na Europa do século XIX, particularmente na Inglaterra.

Na introdução a esta obra, Elias já situa a importância do controle das emoções como uma das principais contribuições da prática e da assistência de eventos esportivos nas “sociedades avançadas do nosso tempo” (1992:68). Assim, para além de propiciar uma atividade física para uma população que se sedentarizava, este autor chama a atenção para seu entendimento de que o esporte, bem como outras atividades de lazer, propiciaria um espaço de sublimação, contribuindo para um “controle estável dos seus impulsos libidinais, afetivos e emocionais mais espontâneos, assim como os dos seus estados de espírito flutuantes” (ib:68).

Nestas passagens já se desenha qual o entendimento do autor sobre o estatuto atribuído às emoções. Como uma “disposição natural”, a emoção em si escaparia do terreno da análise das ciências sociais, que deveria se dirigir para os “padrões sociais de autodomínio e a maneira segundo a qual eles se forjam no sentido de activar e modelar o potencial natural dos indivíduos” (ib: 75). É, portanto, como um entre outros espaços em que a sociedade ocidental pudesse “estimular as emoções, a evocar tensões sob a forma de uma excitação controlada e bem equilibrada, sem riscos e tensões habitualmente relacionadas com o excitação de outras situações de vida” (ib:79), que o esporte adquire o status de um aspecto importante para a análise sociológica, no entender de Norbert Elias.

Desta forma, para Elias, o estudo das expressões emotivas em relação ao fenómeno esportivo e, em particular no futebol, pela dimensão que esta prática assumiu em um número elevado de países, possibilitaria compreender como as configurações sociais mais amplas estariam funcionando em cada situação específica. É a partir deste entendimento, por exemplo, que o autor analisa o crescimento da violência, tanto entre os jogadores, mas principalmente no público, que estaria sendo observada em vários estádios europeus:

“O que acontece se as condições na sociedade em geral não dotam todos os sectores com formas de controlo suficientemente fortes de modo a conterem a excitação, se as tensões na sociedade em geral se tornarem tão intensas que anulem as formas de controlo individual contra a violência e, de facto, introduzem um jacto de descivilização, se induzem sectores de uma população a sentirem a violência como algo agradável? (...). Nesta linha, o inflamar periódico de estratégias violentas no caso do público de futebol pode ser considerado, talvez, num contexto mais alargado, como um sintoma de algum defeito na sociedade em geral, mais do que apenas neste aspecto particular, a qual sente prazer em cometer actos de violência” (ib: 88-89).

Assim, embora seja possível divergir de algumas de suas interpretações, entendo que a perspectiva de Norbert Elias aponta para alguns elementos que inserem o tema dos esportes e, particularmente, a dimensão da emoção tanto na prática quanto na assistência dos espetáculos esportivos, em uma configuração histórica e social em particular. Entretanto, sua concepção da emoção como uma dimensão universal e restrita a uma esfera bio-psíquica limita a possibilidade de estender esta análise para além de uma tentativa de compreender o processo de “esportivização” de determinadas atividades de lazer, que ocorreu principalmente na Inglaterra do século XIX.

Isto implica, no meu entender, que se torna necessário buscar novas referências teóricas quando se pretende interpretar a dimensão das emoções nas práticas esportivas em outros contextos sociais, principalmente naqueles em que o “processo civilizatório”, tal como estudado por Elias, não seguiu o modelo desenhado por este autor. Assim, há que se problematizar, para além da forma como este autor entende a emoção (o que será mais desenvolvido na próxima seção deste trabalho), o modelo através do qual Elias interpreta que este processo, originário de algumas poucas nações “ocidentais”, poderá ser universalizável:

“La sociedad occidental – a la que podemos considerar aquí como una especie de clase superior – difunde hoy modos de comportamiento occidentales “civilizados”, por medio del asentamiento de occidentales, o por medio de la asimilación de las clases superiores de otros pueblos, en espacios territoriales no occidentales, al igual que antaño se generalizaban en todo Occidente modelos de comportamiento impuestos por unas u otras clases superiores o por determinados centros cortesanos o comerciales (...). Precisamente por esto también va abriéndose paso aquí, en la relación de Occidente con las otras zonas del planeta, esa disminución de los contrastes que es peculiar a todas las oleadas del movimiento civilizatorio” (1989:468).

Embora não seja aqui o local mais adequado para uma análise crítica do processo de descolonização, penso ser evidente que este deixou nítido que a adesão ao “processo civilizatório ocidental” não ocorreu de acordo com o modelo, com fortes características evolucionistas, pensado por Elias em pelo menos uma parte considerável de países. Da mesma forma, entendo que este modelo não dá conta da diversidade cultural pela

qual as emoções, e em particular as emoções produzidas nos eventos esportivos, são produzidas e significadas.

Pensar, portanto, o estatuto das emoções no esporte em contextos distintos daqueles hegemônicos por uma concepção de indivíduo ocidental, implica – e aqui sim bebendo no que considero as contribuições mais fecundas da teoria de Elias – analisá-las inseridas nas “configurações sociais” específicas nas quais se inserem. Em outros termos, a partir dos contextos particulares nas quais estas emoções são produzidas.

3. Teoria Contextualista das Emoções

É nesta direção que a perspectiva teórica aberta por Lila Abu-Lughod e Catherine Lutz aponta. Problematizando o fato de que “as emoções permanecem teimosamente, mesmo na Antropologia mais recente, como o aspecto da experiência humana menos passível de controle, menos construído ou aprendido (e, portanto, mais universal), menos público e, por isso menos passível de uma análise sociocultural”, estas autoras irão propor novos caminhos através dos quais realizar esta análise.

Estes caminhos partem de um referencial inicial na obra de Foucault, principalmente ao tomar como ponto inicial para a discussão sobre a emoção a sua dimensão discursiva. Assim, se os discursos são “práticas que formam de modo sistemático os objetos dos quais falam” (Foucault, 1972:49), estas autoras irão propor deslocar o eixo principal da análise das expressões emotivas como desveladoras de estados internos do indivíduo, ou como índices de formas de contenção de pulsões inatas, para focarem nos “discursos emocionais como atos pragmáticos e desempenhos comunicativos”.

Assim, Abu-Lughod irá se utilizar deste paradigma, que denomina de “contextualista” para explicitar como a produção e a significação das emoções devem ser entendidas a partir de cada contexto cultural específico e de sua posição no interior das demais práticas sociais, para a análise de uma situação etnográfica específica. Em seu trabalho de análise sobre a dinâmica política das poesias de amor beduínas, esta autora contrapõe um momento no qual escutou um programa de rádio, nos Estados Unidos, que apresentava um programa no qual ouvintes expunham seus problemas pessoais e eram aconselhadas por um psicólogo que participava da transmissão. Abu-Lughod parte desta cena para enfatizar o contraste com a forma pela qual este meio de falar das emoções não faria o menor sentido no grupo com o qual realizou sua etnografia:

“Os beduínos com quem eu vivi e trabalhei no Egito achariam estranha esta necessidade de confessar seus sentimentos. Seria, ao mesmo tempo, imprópria e indigna e também sem sentido. Sem sentido, não apenas porque eles nunca se perguntam ‘como você se sentiu?’ e porque nem eu consigo pensar em como isto poderia ser dito em seu dialeto. Também não teria sentido porque eles mais frequentemente se perguntam ‘o que ela fez?’ ou então ‘o que você disse?’. Não há sentido, primeiro, porque a pergunta implica na existência de uma explicação satisfatória a ser obtida através da inspeção das emoções e, segundo, porque ela presume que os sentimentos discutidos em uma confissão pública transmitida no rádio seriam os mesmos que em outros contextos sociais e outras formas de comunicação” (1990: 24)

É esta perspectiva que a autora irá utilizar para pensar os discursos emotivos envolvendo as poesias de amor beduínas – e o que seria chamado de contradição, no discurso euro-americano, entre duas destas expressões, uma pública e outra em um contexto mais privado – que ela pôde observar em campo:

“A questão que surge neste momento é como devemos compreender esta disjunção entre os dois tipos de sentimentos que os beduínos expressam como ‘amor’ (...). Muitas explicações mais óbvias não são satisfatórias. A primeira, que tomaria as pessoas como sendo hipócritas ou envolvidas em suas auto-apresentações, menosprezaria o compromisso dos Awlad’Ali com a moralidade e atribuiria a eles noções ideológicas euro-americanas sobre a oposição entre liberdade individual e controle social

(...). *Relacionado a estas interpretações está o argumento do tipo válvula-de-escape moral, uma teoria que tem o agravante de conceber a sociedade como uma máquina*” (1990:32).

Esta crítica à noção da emoção como válvula-de-escape remete diretamente ao referencial teórico de Elias, inicialmente exposto neste trabalho, quando o mesmo é pensado de forma universal, logo descontextualizada, como uma chave-mestra que abriria todos os tipos de portas relacionadas ao tema das emoções nas práticas esportivas.

Inserida neste contexto ocidental de análise, Catherine Lutz vai abordar outra dimensão crítica no estudo das emoções, a partir de uma interpretação contextualista dos discursos emotivos. Estudando os discursos sobre as emoções de um grupo de homens e mulheres estadunidenses de camadas médias e de trabalhadores, Lutz vai “explorar como tem sido atribuído um gênero para a emoção em alguns setores da cultura estadunidense” (1990:69). Ao focar seu olhar sobre os contextos e as formas de expressão sobre as emoções nos discursos das pessoas com quem realizou seu trabalho, esta autora conclui que “a construção cultural da emoção nas mulheres pode então ser vista não como a repressão ou supressão da emoção nos homens, mas como a criação da emoção nas mulheres” (ib:87).

Deste modo, ao desnaturalizar a emoção como uma característica inata do ser humano, Lutz igualmente rompe com o modelo de “controle/catarse” presente na obra de Elias e aponta para uma nova perspectiva de análise para a relação entre emoção, gênero, controle e poder.

4. Etnografando as emoções na prática esportiva

É a partir desta mesma perspectiva que escrevi meu primeiro artigo sobre esta questão (Rojo, 2006), onde analisei os discursos sobre emoções entre atletas olímpicos brasileiros. Minha atenção sobre este tema havia sido despertada quando eu estava acompanhando as transmissões de televisão dos Jogos Olímpicos de 2004, em Atenas. Naquela cobertura, os locutores e comentaristas estavam constantemente ressaltando as diferenças entre atletas de cada país – com uma forte ênfase sobre as dimensões étnicas e de gênero – em relação às suas capacidades de controlar ou expressar “de modo conveniente” suas emoções durante as disputas esportivas.

Usando as perspectivas teóricas apresentadas por Abu-Lughod e Lutz, meu interesse naquele artigo foi o de localizar os discursos sobre emoções daqueles competidores dentro de uma polifonia, onde muitos atores sociais, como a família, a mídia, os dirigentes, fãs e outros, definiam distintas expectativas de comportamento para cada grupo de atletas. Deste modo, queria reforçar que o estudo das emoções não pode ser feito de modo dissociado de um número de variáveis que vão desde a influência do gênero, da classe social, da religiosidade, do maior ou menor reconhecimento público, da modalidade esportiva (que implica na maior ou menor pressão sobre suas performances e resultados), até as variações locais e regionais no que diz respeito às associações da emotividade com a etnicidade e o gênero.

A perspectiva contextualista sobre as emoções, deste modo, contribui para mudar a direção em quem os discursos midiáticos sobre as emoções, veiculados naquelas transmissões dos Jogos Olímpicos, eram entendidos. Este referencial teórico, portanto, possibilitava transformar aqueles discursos de uma expressão de uma presumida essência de cada grupo para um modo pelo qual se constroem ou se reforçam alguns tipos de estereótipos. Um exemplo etnográfico sobre isto pode ser citado, no qual analisei as comparações entre derrotas de times em partidas decisivas. A investigação realizada mostrou como, frente a uma mesma situação – uma equipe que estava liderando a partida até os momentos finais, mas que foi superada e derrotada ao final da disputa – podia ser lida tanto como sendo decorrente de aspectos táticos, problemas físicos na manutenção do esforço necessário para garantir o resultado até o último momento ou outras dimensões físicas ou racionais, no caso de países “ocidentais”, principalmente se fossem equipes masculinas. Entretanto, quando se tratavam de times femininos ou de países da África ou da América Latina, as mesmas

situações eram interpretadas como tendo sido fruto de uma “instabilidade emocional” (no jargão esportivo brasileiro, sendo comum o termo “amarelar”).

Após este primeiro trabalho, no qual a emoção ocupou um papel central, eu utilizei estes referenciais teóricos para interpretar um aspecto particular de uma pesquisa posterior sobre relações de gênero nos esportes equestres. Do final de 2006 até junho de 2008 eu desenvolvi um trabalho de campo comparativo sobre este tema em Montevidéu (Uruguai) e Rio de Janeiro (Brasil). Meu principal interesse nesta pesquisa era estudar as relações de gênero no único esporte no qual todas as modalidades se organizam de forma a não haver separação entre os sexos, portanto sem categorias separadas para homens e mulheres.

Portanto, neste trabalho, o discurso sobre as emoções foi um ótimo caminho para construir minhas interpretações sobre como as identidades de gênero eram criadas naquele espaço de uma forma peculiar, a qual estabelecia conexões entre atributos geralmente associados com os sexos não a homens e mulheres, como é tradicionalmente feito pelo senso comum, mas a duas de suas principais modalidades, o salto e o adestramento. A valorização da capacidade de controlar as emoções, bem como sua percepção pelo senso comum como estando mais desenvolvida entre os homens (principalmente entre os homens brancos e heterossexuais, como indicado na pesquisa que realizei anteriormente), tem sido amplamente discutida por autoras como Catherine Lutz (1990). Neste trabalho em particular, no entanto, o que pude identificar é que esta associação não era realizada com um “homem” abstrato, mas pensada como produzindo um tipo específico de identidade de gênero (Rojo, 2011). Deste modo, discursos sobre medo, coragem e a capacidade de controlar estas emoções não eram diretamente vinculadas com mulheres ou homens, mas, mesmo quando genericamente relacionadas a estes sexos, eram utilizadas, no contexto específico do ambiente dos esportes equestres naquelas duas cidades, como características dos praticantes de salto ou adestramento.

O mais interessante neste caso e o que mais reforça sua característica contextual é o fato de que estas dimensões emocionais não eram associadas aos indivíduos, como uma perspectiva essencialista poderia indicar, mas a cada contexto particular. Assim, nos poucos casos em que uma mesma pessoa competia em ambas modalidades, eles acionavam diferentes discursos emocionais. Isso não deveria ser tão intrigante para antropólogos que já tenham lido a obra de Fredrik Barth (1995), onde ele explicita a dimensão contextual da identidade, mas é indicativa da dificuldade de superar as noções de senso comum sobre a emoção como sendo algo relativo a uma essência humana e não como uma dimensão “bio-psíquica-social”, tal como discutido por Mauss (1981).

Finalmente, na pesquisa que realizo no momento eu pensei, inicialmente, que a emoção não estaria tão presente, uma vez que meu foco seria sobre a construção da identidade e a dimensão da corporalidade entre atletas de esportes adaptados. Meu principal interesse é o de construir interpretações sobre as relações entre as transformações das percepções corporais, a partir do início das práticas esportivas, as mudanças nas concepções sobre saúde e a identidade neste grupo. Para isto, estou realizando um trabalho de campo em uma organização não-governamental orientada para a reabilitação e a inclusão social de pessoas com deficiência física da cidade de Niterói, vizinha ao Rio de Janeiro, a ANDEF (Associação Niteroiense do Deficiente Físico), que é também uma das mais importantes instituições brasileiras na promoção do esporte adaptado.

Este trabalho de campo tem sido realizado principalmente através de uma adaptação da “observação de perto e de dentro”, técnica de pesquisa proposta por Magnani (2002) para acompanhar grupos em ambientes urbanos, que tenho utilizado na ANDEF e pela análise de um extenso e diversificado material produzido por muitos atores sociais presentes neste campo. Principalmente nestes últimos anos, com a aproximação da realização dos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, o Comitê Paralímpico Brasileiro, clubes e organizações ligados aos esportes adaptados, a mídia em geral e outros grupos relacionados ao tema têm tentado publicizar e explicar para um público mais amplo, as especificidades das diversas modalidades que serão disputadas neste evento.

Foi ao analisar este material, portanto, que a necessidade de incluir o estudo das emoções nesta pesquisa se mostrou incontornável. Em muitas entrevistas publicadas, em uma série de artigos divulgados, em quase todos os vídeos promocionais que tenho assistido, eu observo um movimento por parte das pessoas ligadas aos esportes adaptados em recusar a imagem de “coitadinho”, que ainda percebem por parte de diversos setores da sociedade, construindo outras como “guerreiros” ou, mais simplesmente, atletas de alto rendimento. Neste movimento, os discursos sobre as emoções jogam um importante papel, no qual a noção de compaixão é problematizada por sua intrínseca dimensão de verticalidade, como é discutido na obra de Clark (1997).

Embora eu tenha, como afirmei acima, ouvido sobre isso diversas vezes durante este trabalho de campo, foi no dia seguinte ao julgamento de Oscar Pistorius que este tema me impactou de forma mais decisiva. Oscar Pistorius é um corredor sul-africano, amputado de parte de suas duas pernas, e um dos mais famosos atletas paralímpicos desta última década, não apenas por seus muitos recordes e medalhas mundiais e paralímpicos, mas por conta de seu desafio à Associação Internacional de Esportes Atléticos (IAAF), entidade responsável pelas competições de atletismo, através do qual obteve o direito de competir nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, nas provas de 400 m rasos e no revezamento 4x400 m rasos. Entretanto, ele ficou também famoso, mais recentemente, por ter sido condenado por assassinato. No dia dos namorados de 2013, Pistorius matou a tiros sua namorada, a modelo Reeva Steenkamp, em sua casa na cidade de Pretoria, na África do Sul, tendo sido condenado no ano seguinte por homicídio culposo.

Portanto, quando eu estava me dirigindo para o trabalho de campo no dia imediatamente posterior ao desta sentença, eu estava muito interessado em ouvir as reações dos atletas da ANDEF sobre este caso. Obviamente, quando eu cheguei lá, este era o tema principal das conversas entre eles e havia muitas percepções diferentes sobre o assunto. Entretanto, uma delas me marcou de forma significativa, principalmente porque ela alcançou, imediatamente, uma quase unanimidade, quando a pessoa disse que:

“Eu sei que isso foi uma tragédia, mas para nós, para as pessoas com deficiência, existe pelo menos um ponto positivo nisso tudo. Um monte de gente olha pra gente e diz ‘oh! Tadinho dele sem um braço!’, quase como se a gente não fosse um ser humano. O fato que eu não tenho um braço, que outro não tenha uma perna, que um outro tenha paralisia cerebral ou o que seja, não nos faz pessoas melhores ou piores, apenas nos torna pessoas sem um braço, sem uma perna ou com qualquer outro tipo de deficiência física. Há pessoas com deficiência que podem salvar vidas, como um nadador chinêsⁱⁱ e outros que podem matar alguém. Nós somos pessoas normais, nós não precisamos de compaixão”.

O primeiro aspecto sobre o qual eu gostaria de ressaltar neste discurso é que ele fala implicitamente sobre a ideia de emoção como socialmente construída. Para este atleta, a compaixão não seria uma reação natural frente ao contato com uma pessoa com deficiência, mas uma emoção que emerge do preconceito ou da ignorância. Como consequência, esta emoção poderia ser diferente em outro contexto social no qual, no ponto de vista deste atleta, eles fossem vistos como seres humanos como quaisquer outros e não como pessoas que necessitassem de piedade.

Deste modo, eu estava novamente diante de um discurso sobre emoções que agem construindo realidades sociais e não simplesmente as expressando. Como Clark discute em seu trabalho sobre a gramática da compaixão nos Estados Unidos, a primeira consequência deste discurso é a criação de uma “fronteira moral” entre aqueles que “mereceriam” compaixão – pessoas vistas como não sendo moralmente responsáveis pelos seus sofrimentos – e outras que receberiam uma reprovação social, quando suas situações fossem entendidas como resultantes de “atitudes imorais”. A segunda consequência discutida por esta autora é que a compaixão sempre cria um débito por parte de quem recebe em relação àquele que a teria fornecido. Este pode ser apenas um débito que daria início a uma relação de reciprocidade, com o retorno desta dívida sendo dado dentro de um tempo socialmente aceitável, o que é visto como potencialmente criando ou fortalecendo

relações sociais entre iguais, ou isto pode impor ou explicitar uma hierarquia, na qual a única possibilidade para quem recebe compaixão é mostrar gratidão para quem a deu.

É justamente contra o que é entendido como uma tentativa de criar ou manter uma hierarquia, que naturaliza a posição de pessoas com deficiência na situação de sempre precisar de compaixão, que estes atletas apontam para o que interpreto como sendo a dimensão política destes discursos sobre a emoção. Deste modo, nesta atual pesquisa, passei a incorporar as estratégias construídas por este grupo para se contrapor a estes discursos e de como, os alterando, procuram reconfigurar suas identidades sociais.

5. Conclusão

Meu principal objetivo com este artigo é sublinhar as limitações do uso da teoria de Norbert Elias para o estudo das emoções nas práticas esportivas. Na minha perspectiva, o elevado número de artigos e livros nos quais esta teoria é a única ou uma das poucas bibliografias citadas sobre este tema é, em grande medida, uma consequência da relativa invisibilidade da Antropologia e da Sociologia das Emoções. Isto não significa dizer que esta teoria é incapaz de contribuir em qualquer estudo sobre as emoções neste campo de pesquisa, mas sim que é mais do que necessária a expansão dos referenciais teóricos para um melhor aprofundamento das questões com as quais nos defrontamos. Deste modo, um segundo objetivo deste trabalho é apresentar a perspectiva contextualista, que busca analisar os discursos sobre as emoções e sua dimensão política, a partir dos contextos específicos de enunciação destes discursos.

Deste modo, através do uso das autoras aqui citadas, nas minhas últimas e na atual etnografia que venho realizando, procuro focar sobre as emoções não como aspectos expressivos de estados internos, mas como ferramentas na criação, manutenção ou transformação das realidades sociais.

Minha expectativa é que, com isto, um novo campo de questões sobre as emoções nas práticas esportivas possa ser aberto. Ao mesmo tempo, penso que partindo de um uso criativo destas autoras, que não trabalham diretamente com o tema dos esportes, possamos, no futuro, tornar possível o aparecimento de novos autores que teorizem sobre a emoção neste campo de investigação específico, criando novas perspectivas para o entendimento da emoção nas práticas esportivas.

Referências

- Abu-Lughod, Lila (1990). "Shifting politics in Bedouin love poetry". In Lila Abu-Lughod & Catherine Lutz (ed.), *Language and the politics of emotion* (pp. 24-45). New York: Cambridge University Press.
- Abu-Lughod, Lila & Lutz, Catherine (1990). *Language and the politics of emotion*. New York: Cambridge University Press.
- Adorno, Theodor & Horkheimer, Max (1985). *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Barth, Frederik (1995). «Les groupes ethniques et leurs frontières». In S. Poutignat (org.), *Théories de l'ethnicité* (pp. 203-249). Paris: Le sociologue.
- Clark, Candace (1997). *Misery and Company*. Chicago: University of Chicago Press.
- Elias, Norbert (1989). *El proceso de la civilización*. Mexico D.F.: Fondo de Cultura Económica.
- Elias, Norbert (1992). *A busca da excitação*. Lisboa: Difusão Editorial.
- Foucault, Michel (1972). *The archaeology of knowledge and the discourse on language*. New York: Pantheon.

Lutz, Catherine (1990). “Engendered emotions: gender, power, and the rhetoric of emotional control in American discourse”. In Lila Abu-Lughod & Catherine Lutz (ed.), *Language and the politics of emotion* (pp. 69-91). New York: Cambridge University Press.

Magnani, José Guilherme (2002). De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.17, nº 49, 11-29.

Mauss, Marcel (1981). “A expressão obrigatória dos sentimentos”. In Marcel Mauss (ed.), *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Rojo, Luiz Fernando (2006). Discursos sobre emoção entre atletas olímpicos brasileiros. *Esporte e Sociedade*, nº1, 2-17.

Rojo, Luiz Fernando (2011). “A produção do gênero no hipismo à luz dos discursos sobre as emoções” In: Maria Claudia Coelho & Claudia Barcellos Rezende (orgs.), *Cultura e sentimentos: ensaios em Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

Veblen, Thorstein (1965). *A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições*. São Paulo: Pioneira.

ⁱ Agradeço a FAPERJ, através da bolsa Jovem Cientista do Nosso Estado, a possibilidade de desenvolver a pesquisa sobre identidade e corporalidade entre atletas de esportes adaptados, a qual tem sido fundamental para a reflexão sobre a questão das emoções na análise das práticas esportivas.

ⁱⁱ Ele se referia a He Junquan, um nadador chinês, ganhador de diversas medalhas de ouro em Jogos Paralímpicos, que salvou uma criança que havia caído na água, em um lago de um parque e que não sabia nadar.